

## “O MEUS FILHO”: VOCÁBULO FONOLÓGICO?

**Odete Pereira da Silva Menon<sup>1</sup>**

**Edson Domingos Fagundes<sup>2</sup>**

**Loremi Loregian-Penkall<sup>3</sup>**

odete@ufpr.br

edsondfagundes@utfpr.edu.br

lpenkal@irati.unicentro.br

**RESUMO:** Na análise da concordância nominal (CN) nas cidades paranaenses do banco VARSUL (Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco) há um caso especial de CN intrassintagmática (SN), quando um dos determinantes é o pronome possessivo que, aparentemente, punha em cheque a regra de CN proposta por Scherre (1988, e em outros trabalhos, e outros autores que seguiram o seu modelo, para verificar a aplicabilidade em outros dialetos do PB): quanto mais à esquerda do núcleo, maior probabilidade de aparecer a marca morfológica de plural (*as menina bonita*). Nos dados de CN no Paraná, encontramos também ocorrência da concordância que denominamos **vocábulo fonológico** e que corresponde a um tipo de CN já mencionado algumas vezes por Scherre em seminários e cursos como característico na região Sul do Brasil, isto é, aquele com pronome possessivo e com núcleo ou no singular: *co meus filho*; ou no plural: *no meus filhos*. Neste artigo, discutimos essa aparente discrepância de CN em relação à regra proposta por Scherre, propondo resolvê-la se considerarmos que o falante analisa a sequência fonológica como um todo: um vocábulo composto, como no SN *academia-militar*, que teria como plural *academia-militares* ou em *pelo-meu neto* que teria como plural *pelo-meus neto*. Mais recentemente, comprovamos a existência do mesmo tipo de ocorrência nos dados de João Pessoa, do corpus VALPB.

**PALAVRAS-CHAVE:** vocábulo fonológico; concordância nominal; VARSUL/VALPB.

**ABSTRACT:** In the analysis of the nominal agreement (CN) used in four cities of the State of Parana (Curitiba, Londrina, Irati and Pato Branco, that are present in the VARSUL database) there is a special case of intrasyntagmatic CN (SN), in which one of the determiners is the possessive pronoun that apparently challenges the CN rule proposed by Scherre (1988, and others works, and in other authors who followed his model, to verify applicability to other dialects of Brazilian Portuguese-PB): the closer to the left it is in the core, the more likely the morphological plural marker (*as menina bonita*) is to appear. In the CN data of Parana, we also found an occurrence of the agreement that we named **phonological word**, which corresponds to a type of CN that was already mentioned a few times by Scherre in seminars and courses as being characteristic of Southern Brazil, that is, one with possessive pronoun and with a core either in the singular: *co meus filho*; or in the plural: *no meus filhos*. In this article, we discuss this apparent CN discrepancy relative to the rule proposed by Scherre, and we propose to solve it by considering that the speaker analyzes the phonological sequence as a whole: a compound word, as with SN *academia-militar*, which takes the plural form *academia-militares* or yet in *pelo-meu neto* which has the plural form *pelo-meus neto*. Recently, we have found the same type of these occurrences in the VALPB corpus, from João Pessoa, North-East of Brazil.

<sup>1</sup> Doutora; Universidade Federal do Paraná - UFPR; Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR; Bolsista PQ2, CNPq.

<sup>2</sup> Doutor; Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR.

<sup>3</sup> Doutora; Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO.

**KEYWORDS:** phonological word; nominal agreement; VARSUL/VALPB.

## **PALAVRAS INICIAIS**

Ao longo destes últimos vinte anos, nas diversas oportunidades em que a professora Marta Scherre se fez presente nos eventos promovidos pelas universidades que realizaram as coletas para constituir o VARSUL aqui no sul do Brasil, frequentemente a ouvimos falar sobre os seus trabalhos sobre a concordância nominal (CN) e, especialmente, mencionar seu (dela) estranhamento com um tipo especial de CN que tipicamente se ouve e ocorre por aqui; ou seja, aquele em que há a presença de um pronome possessivo e com núcleo no singular, como em *o meus amigo, co meus filho, pelo meus neto*, ou com núcleo no plural *no meus filhos, pro teus filhos, todo o meus sobrinhos, da minhas viagens*. Nessas ocasiões, e mesmo quando iniciamos nosso estudo da CN nos dados do Paraná (Menon, Fagundes, Loregian-Penkall 2010; Loregian-Penkall, Menon, Fagundes 2011; Menon, Loregian-Penkall, Fagundes 2013). — sem que pudéssemos apresentar uma explicação razoável para este fenômeno — nos questionamos se não seriam esses casos de CN *desvios* da regra proposta por Scherre e por aqueles que a seguiram, isto é, na composição do SN, tudo que estiver mais à esquerda do núcleo, terá maior probabilidade de apresentar a marca morfológica de plural, como em *os menino*.

A CN era um dos fenômenos linguísticos que tínhamos como tarefa para dar continuidade à descrição dos dados do banco VARSUL do estado do Paraná, tarefa que ainda está somente começada. Nesse sentido, iniciamos por considerar os resultados de Fagundes (2007) e Bandeira (2007), nos quais a cidade de Irati se revelou como mais conservadora, em relação às outras localidades do Paraná. No primeiro dos trabalhos, foi a cidade que mais apresentou usos de subjuntivo na alternância subjuntivo/indicativo; no segundo, foi a que manifestou o menor índice de apagamento do pronome SE, sobretudo o reflexivo.

A partir dessa constatação, o grupo de pesquisa VARSUL-PR resolveu observar um número maior de fenômenos linguísticos, com a finalidade de verificar se havia outras divergências em relação às demais cidades paranaenses do banco (Curitiba, Londrina e Pato Branco). Assim, decidimos iniciar nossa tarefa pela CN, já discutida e apresentada em outros trabalhos em que tratamos de cada cidade e em mais de uma

comparativamente.

Após o levantamento e discussão dos dados das quatro cidades e de discussões decorrentes desse nosso primeiro objetivo, passamos a analisar fenômenos correlatos e de importância para a solução de questões que havíamos deixado em aberto. Dentre elas estava a de buscar solução para aquele "estranhamento" (*o meus*) em relação à CN, apresentado por Marta Scherre em várias ocasiões e cursos.

Feita esta breve introdução, a fim de situar nossa motivação em relação ao tema que tratamos neste artigo, resta apresentar os passos seguidos para demonstrar a argumentação preparada a fim de solucionar, a nosso ver, esta pergunta que nos persegue: por que no sul a CN com a presença do possessivo se apresenta de modo estranhamente diferente?

Primeiramente, são considerados os pressupostos levantados por Scherre, a partir do trabalho de 1988 e dos que se seguiram, em relação à CN. Como foco da discussão, retomamos o trabalho de Matoso Câmara, em especial, no que tange ao termo **vocábulo fonológico** e de autores que discutiram a questão a partir de um viés muito próximo, trazendo à luz o que precisávamos para a nossa discussão. A seguir, retomamos os casos encontrados no *córpus* do VARSUL no Paraná, ilustrando a discussão com os exemplos encontrados em cada cidade, para, a partir deles, concluir nosso trabalho, reafirmando a regra proposta por Scherre. Além disso, incluímos em nossa análise alguns exemplos encontrados no VALPB.

## 1. UM BREVE HISTÓRICO DA CN NO PORTUGUÊS DO BRASIL (PB)

Os primeiros estudos que abordaram a CN do PB foram efetuados por dialetologistas e datam do final do século XIX, como em José Veríssimo (1883: 56), falando da linguagem popular amazônica:

Outras<sup>4</sup> vezes em lugar do *l* final poem o *r* brando, como em animal, que dizem *animar*. E tenho ouvido pronunciar Escola *normar*, á professores dali sahidos. Não dão jámais o signal de plural aos substantivos, e assim dizem **as casa, os peixe; Amazona** em vez de *Amazonas*. (negrito acrescentado)

e início do XX com Amadeu Amaral (1920: 51-52):

---

<sup>4</sup> Sempre que no texto original era início de parágrafo, julgamos necessário reproduzir fielmente a disposição do texto. Além disso, quando se trata de citação, foi respeitada, escrupulosamente, a grafia do original.

NÚMERO. / 4. Já dissemos algo sobre o som de s-z no final dos vocábs. (I, 24). Vamos resumir agora tudo o que se dá com êsse som em tal situação.

Se bem que se trate aqui de flexões, é impossível separar o que se passa com o s final, tomado como sinal de pluralidade, do que sucede com êle em outras circunstâncias; e difícilimo se torna reconhecer, em tais factos, até onde vão e onde cessam a acção puramente fisiológica, do domínio da fonética, e a acção analógica, do domínio das formas gramaticais. Porisso faremos aqui uma exposição geral dos factos relativos ao s final:

a) Nos VOCÁBULOS ÁTONOS, conserva-se: os, as, nos (contração e pronome), *nas*. Aliás, há pronunciada tendência para tornar tónicos esses vocábulos, pela ditongação: *ois, ais*, etc. a conjunção m a s tornou-se *mais*.

b) Nos OXÍTONOS, conserva-se, -- salvo quando mero sinal de pluralidade: *crúz, retróis, nós* ( n ó s ), *nóiz* ( n ó z ), *juíz, ingrêis, vêiz* (vêz), *dois, três, déiz, fáiz, fiz, diz, páiz* ( p a z ), *pois*.

**Como sinal de pluralidade, desaparece:** *os pau, os nó, os ermão, os papé, as frô(r), os urubú*. Exceptuam-se os determinativos *uns, arguns, seus, meus* (sendo que êstes dois últimos, quando isolados, perdem o s : *estes carro são SEU', esses não são os MEU'*). Há hesitação em alguns vocábulos, como *péis* ao lado de *pé'*. *Réis* conserva-se, por se ter perdido a noção de pluralidade (*isto não vale nem um réis*); semelhantemente, *pasteis, pernís, cóis*.

c) Nos vocábulos PARÒ e PROPARÒXÍTONOS, desaparece: *um arfére, os arfére; o pire, os pires; dois home; os cavallo, os lático; nós fizémo, vamo, saímo*.

Quando o s pluralizador vem precedido de vogal a que se apoia, desaparece tambem esta: *os ingrêis* (ingleses), *as páis* (pazes), *às vêiz* (vezes), *as côr* (côres). (negrito acrescentado)

Para alguns trabalhos, mais de cunho folclórico, utilizavam-se principalmente de informações obtidas de falantes iletrados, moradores de zonas rurais. Porém, logo depois da publicação d'O *Dialeto Caipira*, Amadeu Amaral (1925: 22-23) alertava para a necessidade de se fazer levantamentos sistemáticos para descrever esses fenômenos:

Já tem a Academia uma comissão de brasileirismos. Ora, tal é a dependência mútua que existe entre os estudos dialectais e os estudos de folclore, que o desdobramento do encargo atribuído a essa comissão, ou a nomeação de outra que a si tomasse esta nova parte, pareceria medida lógica e bem inspirada.

Apenas, se tivesse de propôr alguma coisa, eu proporia que em qualquer das hipóteses, essa comissão de "brasileirismos" tivesse outra denominação e outro programa – fôsse uma "comissão de dialectologia", que em vez de só recolher e discutir palavras, lançasse as bases de um estudo metódico e puramente científico, sem preocupações prácticas, de todo o complexo dos **fenômenos dialectais no Brasil, fonéticos, morfológicos e sintáticos, investigando-lhes as causas e tendências, mas tratando antes de tudo de colher genuínos materiais de correcta observação, tomados directamente à realidade viva da língua, fielmente transcritos segundo um sistema invariável, e não só se valendo de documento livresco ou dos depoimentos de segunda mão como de elementos subsidiários**. (negrito acrescentado)

Além disso, já no final do séc. XIX, na literatura brasileira, sobretudo na que foi chamada de regionalista, quando um autor pretendia caracterizar regionalmente determinada personagem, dava margem à reprodução das falas típicas, como as que aparecem na *Antologia do conto goiano*, volume I (obras publicadas dos anos dez aos sessenta do séc. XX). O registro mais antigo<sup>5</sup> é de Crispiniano Tavares (1855-1906), no conto “Quem semeia ventos colhe tempestade”:

- (01) O Pedrão gritou: — É assim memo canaia! Vim lá doutro mundo pra matá **ocês tudo, sôs porcaria!** (*Antologia*, p. 41)
- (02) — Suspende aí, Pedrão. Eu num tô sabedor, nem a patroa. Nisto ela falou: Sô Pedrão, pro bem qui ocê qué a sua mulhé num faça mais ferverça nem mal a meu marido qui fez uma doidura. Eu vou buscá o dinheiro todo, **dois conto e quinhentos**. A sua mula tá aí no currale e ocê vai imhora agora memo. Leva no cabresto a mula de sela do sô Heraqui qui eu dô pra você, [...] (*Antologia*, p. 41)

Em **1899** é publicado o livro *Os roceiros*, de Viriato Padilha<sup>6</sup> (1866-1924). Pois bem: no prefácio, o autor localiza espacialmente o mundo da *roça* e caracteriza o seu habitante como *caipira* ou *matuto* ou *tabaréu*, que usa a mesma CN localizada por Veríssimo (1883) como sendo do norte do Brasil:

- (03) E tu, Piau, abre o oio comigo, sinão eu te mando jogá uma farda **nas costa**. Paraguay tá precisando de gente, e o que Sua Magestade Imperadô qué é mesmo **desses vadião** como ocê. (Padilha, O subdelegado na roça, p. 104)

Cornélio Pires (1884-1954), desde a primeira obra publicada, em 1910, *Musa caipira*, usou, mais, ou menos, as falas caipiras. Entre os fatos do dialeto caipira, aparece, naturalmente, essa concordância nominal:

- (04) — Ora, dá-se, óme! Vacê já vem **co as bobage** de assombração...  
— Num é, sinhô! Negócio lá é de sério! Esta noite não grudei **os óio!** Tô **c’os óio** de ontem! Ave, Maria, Credo! Parece lá pra meia-noite um bodão preto e garra de “préqueté” pra cá, “préqueté” prá lá, e espirra feio... (Pires

---

<sup>5</sup> Se levarmos em consideração que a análise em *tempo aparente* considera a data de nascimento do autor/informante e não a data de publicação de uma obra (quando o *cópus* é escrito): no caso desse autor, a obra tem edição póstuma, de 1910.

<sup>6</sup> Esse foi um dos pseudônimos de Annibal de Andrada Mascarenhas.

(2002[1916]: 15), Pra mim foi pisadêra, *Quem conta um conto...*; negrito acrescentado)

(05) – Você compreende que eu num quero nada junto **c’os peste de meus cunhado** e de mea sogra. (Pires, 1927: 31, “Carreira” de sensação..., *Mixórdia*; negrito acrescentado)

E para demonstrar que o fenômeno da CN não constitui “erro” mas tão somente estigma social, a sociolinguística quantitativa começou a tê-la como objeto de estudo a partir dos anos setenta do séc. XX. Tal iniciativa se deu com o trabalho de Braga e Scherre (1976), com a comunicação intitulada *A concordância de número no SN na fala urbana do Rio de Janeiro*, apresentada no I Encontro Nacional de Linguística, na PUC/Rio.

A partir daí, o fenômeno foi retomado por vários pesquisadores, entre os quais, Braga (1977); Lemle & Naro (1977); Scherre (1978); Ponte (1979); Nina (1980); Guy (1981); Naro (1981)<sup>7</sup>. Em 1988, Scherre (1988:15) reanalisa a concordância de número na sua tese de doutorado e o faz com o objetivo de “apresentar a descrição e explicação de um conjunto de variáveis linguísticas e não linguísticas que regem a sistematicidade da variação da concordância de número entre os elementos do SN”.

O trabalho de Scherre (1988) é considerado o grande marco no estudo da concordância nominal do PB. Nele a pesquisadora efetua um minucioso levantamento dos trabalhos anteriores sobre esse tema e das variáveis até então trabalhadas. Além disso, analisa as influências de fatores linguísticos e extralinguísticos no estudo da concordância nominal, postulando a existência de um sistema que gerencia essa variação. Nesse sistema seria possível prever em quais estruturas linguísticas e sob que condições sociais o informante estaria mais propenso a manifestar todas as marcas no SN plural. Podemos sintetizar a hipótese de Scherre desta forma: **quanto mais à esquerda do núcleo, maior probabilidade de aparecer a marca morfológica de plural**, como em os *aluno inteligente*.

Vários pesquisadores seguiram testando a hipótese proposta por Scherre (1988), para verificar a convergência ou não de regularidades linguísticas e sociais entre os resultados obtidos no Rio de Janeiro e em outros dialetos do PB. Entre eles podemos citar as dissertações de mestrado de Dias (1993) e Fernandes (1995).

---

<sup>7</sup> Nos estudos sobre a concordância verbal, que também é estigmatizadora, "Naro (1981) considera que está havendo um processo em curso que caminha para duas direções opostas: para um sistema sem marcas - envolvendo perdas - e para um sistema com marcas - envolvendo aquisição." (Dias, 1993: 18).

No primeiro trabalho, a autora analisa dados de alunos da quarta série do Ensino Fundamental de escolas urbanas e rurais de Brasília – DF. Dias (1993:1) conclui que, “as diferenças de aplicação da regra entre as duas amostras mostraram ser basicamente uma diferença de grau” e que tanto a fala urbana quanto a rural apresentam uma mesma gramática, já que são regidas pelas mesmas restrições estruturais.

Fernandes (1995) efetua a análise de 47 informantes do córpus do Projeto VARSUL<sup>8</sup>, caracterizada como fala informal, e de 19 informantes de diferentes procedências regionais, cujas falas foram gravadas de entrevistas televisivas, que a autora caracteriza como fala formal. Os resultados da análise efetuada no Sul são bastante similares aos encontrados no Rio de Janeiro, visto que a autora testou as mesmas variáveis e hipóteses estipuladas por Scherre (1988), fato que possibilitou um início de estudo comparativo entre as duas amostras analisadas.

Observe-se que nestes trabalhos não se trata do fenômeno aqui discutido (*o meus filho*): nos dados de Brasília não deve ter sido constatado esse tipo de CN; nos dados do VARSUL pode ter aparecido mas, como os grupos de fatores eram os mesmos, a autora pode ter optado por deixar de lado esse tipo de ocorrência.

## 2. VOCÁBULO FONOLÓGICO

Antes que se inicie a discussão propriamente dita, é necessário que determinemos com que termo, afinal, iremos trabalhar. Embora a maioria dos textos consultados mencione o termo *vocabulo fonológico*, ao retomarem a obra de Mattoso Camara<sup>9</sup>, alguns autores adotam *palavra fonológica*. Vejamos a análise que faz Basílio (2004: 79) sobre a distinção efetuada por Mattoso Camara:

No *Dicionário de Língua e Gramática*, Mattoso define palavras como “vocábulos providos de significação externa, concentrada no radical; noutros termos, vocábulos providos de semantema”. Nesta definição, introduz-se a preocupação do mestre com o problema terminológico: a utilização do termo *vocabulo* de um ponto de vista mais técnico, reservando-se *palavra* para as unidades significativas.

Em Quadros e Schwindt (2008: 3), a questão é retomada:

---

<sup>8</sup> A autora distribuiu a amostra em 12 informantes por etnia: (i) *açoriana*, de Florianópolis; (ii) *italiana*, de Chapecó; (iii) *alemã*, de Panambi; a (iv) *eslava*, de Irati, só pode contar com 11 informantes.

<sup>9</sup> Respeitamos a grafia que aparece em Mattoso Camara (1979).

Entendemos como palavra morfológica o que Câmara Jr. (1969) define como “vocábulo formal”, isto é, a forma livre a que se chega “quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres” (p. 37) e que “se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua” (p.34). Palavra fonológica, por sua vez, é a unidade prosódica em que se definem as relações de proeminência que caracterizam o acento primário das palavras. Nessa unidade também se definem restrições fonotáticas e restrições sobre a aplicação de processos fonológicos nas línguas do mundo.

Em Mattoso Camara (1979: 37), diferentemente dos textos mencionados pelos dois comentadores acima citados, a discussão é feita considerando o termo *vocábulo*, sobre o qual o autor discorre e busca diferenciar escrita de oralidade: "o vocábulo fonológico é uma entidade prosódica, caracterizada por um acento e dois graus de atonicidade possíveis antes e depois do acento" Em seguida, diz que isso corresponde no plano mórfico à "forma livre" de Bloomfield (1933: 160), e que: "Sabemos, porém, que as unidades do plano fonológico e as do plano mórfico não coincidem necessariamente." (Mattoso Camara 1979: 38). Além disso, depois de discorrer sobre esses vocábulos fonológicos sem acentos (os chamados pronomes átonos, em português), que teriam posição variável, precedendo ou seguindo a forma verbal em que se apoiam, o autor acrescenta (Mattoso Camara 1979: 38):

A intercalação livre ocorre com outra série de clíticos, sempre em posição proclítica, como o artigo e as preposições: *o<sup>o</sup>livro de<sup>^</sup>Camões — o<sup>o</sup>belo e imorredouro livro do<sup>^</sup>grande poeta Camões.*

A posição proclítica admite, em regra, uma modalidade estilística de acento em grau 2, por ênfase, com ou sem pausa enfática ocorrente. Isso dá aos proclíticos a oportunidade de um *status* de vocábulo fonológico, e no Brasil concorre para esse *status* o vocalismo dos proclíticos, que, como veremos, não é exatamente o das sílabas pretônicas.

Outra falta de coincidência entre o vocábulo fonológico e o formal é, em sentido oposto aos clíticos, a existência da justaposição de dois vocábulos fonológicos num só vocábulo formal. A justaposição é bastante freqüente na morfologia nominal portuguesa: *guarda-chuva.*

Assim, julgamos acertado, para os nossos propósitos, adotar o termo *vocábulo fonológico*, segundo essas considerações de Mattoso Camara.

Ao introduzir o contraste entre língua oral e língua escrita na descrição dos vocábulos, Mattoso define e diferencia *vocábulo fonológico* de *vocábulo formal* ou *mórfico*. Segundo ele, o *vocábulo fonológico* corresponde a “uma divisão espontânea na cadeia de emissão vocal”, ao passo que o *vocábulo formal* ou *mórfico* é definido

---

<sup>10</sup> O símbolo <sup>^</sup> representa o fato de o artigo (ou a preposição) se apoiar no acento da palavra seguinte.



como “quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua” Mattoso Camara (1998: 62)<sup>11</sup>.

Ele levanta a importância de se distinguir entre o que se escreve e o que se fala, ampliando a importância do conteúdo semântico dos vocábulos. Para Mattoso Camara (1967:86), ao tratar do conceito de palavra no estruturalismo:

Esta falta corriqueira de coincidência entre o elemento na fonação tem levado alguns linguistas a negarem que o vocábulo significativo, ou vocábulo propriamente dito, seja entidade natural lingüística. Tendem a considerá-lo qualquer coisa de convencional, imposto à nossa consciência pela formalidade do ensino e da língua escrita. O elemento significativo seria, a rigor, exclusivamente a própria frase.

No entender de Basílio (2004: 79), Mattoso adverte para o fato de que, em geral, as descrições da língua levam em conta a existência do vocábulo, sem haver, no entanto, uma preocupação em definir exatamente de que se trata: “a falha, naturalmente, provém do fato de que nossas gramáticas tomam por base a língua escrita, na qual a palavra é definida pelos espaços em branco, conforme determinado pelo sistema gráfico.”

Ainda segundo Basílio (2004: 79),

A tarefa de Mattoso é complexa, na medida em que se trata não apenas em direcionar o estudo e ensino da língua para uma abordagem descritiva, em oposição a uma tradição que privilegia o estudo histórico, mas direcioná-lo a uma base oral em oposição a uma tradição de base escrita.

Ao seguirmos este raciocínio fica claro que para entendermos nosso objeto de estudo devemos observar – além dos vocábulos morfológicos – a efetiva realização dos vocábulos fonológicos em questão, a que Bisol (2004:70) chama de palavra fonológica:

A palavra fonológica distingue-se pelo contorno prosódico delineado a partir do acento primário de que é portadora e representa na hierarquia prosódica o primeiro nível em que morfologia e fonologia interagem. Embora a cadeia prosódica seja mapeada na cadeia morfológica, a assimetria entre uma e outra nem sempre se mantém seja como domínio de regras, seja como resultado de ressilabificação. A palavra fonológica tem, pois, dimensões que extrapolam os limites da palavra lexical, ou seja, palavra morfológica.

---

<sup>11</sup> Sobre o tema, recomendamos a leitura dos trabalhos de Moreno (1997), Basílio (2004), Bisol (2004, 2005), Gomes (2005), Quadros e Schwindt (2008) e as ponderações de Mattoso Camara, presentes em todos esses trabalhos e que orientaram também a nossa discussão.

Bisol (2005: 248), ao discutir o grupo clítico como unidade prosódica que segue imediatamente a palavra fonológica, ressalta o fato de que “existem dois tipos de clíticos, os que se comportam junto à palavra de conteúdo como uma só unidade fonológica e os que revelam certa independência submetendo-se às mesmas regras da palavra fonológica”. Como ela salienta que “o vocábulo fonológico não pode ter **mais do que um** acento, então palavras destituídas de acento próprio podem entrar nesta categoria.” (clítico). Entre os exemplos por ela citados está *o leque*, que poderia constituir “um só vocábulo fonológico”: “o clítico constitui com a unidade adjacente **um só** vocábulo.” (negrito acrescentado). Vemos que Bisol retoma a noção de vocábulo fonológico tal como expressa por Mattoso Camara (1979: 38). Assim sendo, como o artigo em português é palavra destituída de acento, entendemos que ele é tecnicamente um clítico<sup>12</sup>, isto é, palavra que se apoia no acento de outra palavra na locução nominal ou SN.

Outro ponto que merece ser destacado diz respeito à junção de diferentes vocábulos, isto é, como é que se processam essas junções, para a formação de novos vocábulos (os ditos compostos) e como, e se isso interfere na formação do plural desses novos vocábulos. Isto é, retomando a observação de Bisol (2004), o que é percebido pelo falante como sendo uma só “palavra” fonológica — *posposição, pré-vestibular* — pode corresponder, do ponto de vista formal, a duas palavras, morfologicamente falando: *pos+posição, pré+vestibular*.

Nesse tipo de palavra composta, é relevante destacarmos que a noção de composição também pode se tornar *opaca*, com a sucessão das gerações, como, por exemplo, o que aconteceu com a palavra *concomitante com/a*: a raiz *-mit-* significava em latim “enviar, mandar”; assim, *comittere*<sup>13</sup> significava “enviar junto”. No entanto, a noção de *junto*, expressa pelo prefixo *com* se perdeu, no curso dos séculos; foi necessário, então, acrescentar um prefixo **com** reconhecido pelos falantes contemporâneos como contendo a noção de “junto com”, resultando em *concomitante*, com regência da preposição **a**. Porém, novamente a noção de composição se perdeu e foi necessário empregar, como regente, a preposição **com**! É possível que a opacidade desse adjetivo se deva ao fato de não ter havido a

---

<sup>12</sup> Historicamente, o artigo é resultado do processo de gramaticalização do dêitico latino *ille, illa, illud*, (acus. *illum > illo > ello > lo > o*), com perda do acento.

<sup>13</sup> Que deu em português *cometer*, também significando inicialmente “enviar junto” mas que, no contexto de guerra (*cometer o inimigo*), passou a significar “atacar junto” ou “enviar um grupo de homens (juntos) para atacar o inimigo”.

permanência do verbo correspondente, em português (como também em *elisão*, *colisão*, só historicamente sabemos serem palavras compostas em português, uma vez que não vingou a forma simples *lisão*).

Assim, entendemos que, nos contextos em que o pronome possessivo está presente, como em *o meu*, o falante do sul do Brasil interpreta/lê/entende/processa a informação como sendo um “bloco”, isto é, ele percebe o SN como uma palavra composta. Ao avaliar a sequência fonológica *o meu* [o'mew] *filho*, ele produz: *o meus* [o'mews], processando a formação do plural segundo a regra interiorizada, que é a de flexionar o bloco como sendo uma **unidade morfológica**, como em *pontapés*, *reco-recos*, ou *couve-flores*, a partir de *pontapé*, *reco-reco* e *couve-flor*, respectivamente. A seguir, junta-se o substantivo *filho*, resultando em *o meus filho*. Aqui entra em cena uma outra regra do português: o indefinido pode ser expresso num SN constituído de artigo (ou determinante) no singular ou no plural, seguido do núcleo (**um** feijão; **alguns** feijões), ou num SN sem qualquer determinante, no singular ou no plural (política linguística ou políticas linguísticas). No Brasil, comemos **feijão** com arroz, não *feijões*, como seria exigido em outras línguas; arroz também não pode ter plural, ambos são substantivos incontáveis: só vão para o plural (*feijões*; *arroz*) se se quiser indicar algumas das variedades de cada grão; porém, na prática, é raríssimo flagrar esse uso no plural.

Vale a pena mencionar que a presença do artigo em alguns contextos pode trazer insegurança ao falante ao interpretar certos contextos equivocadamente e transferir para a escrita essa ideia de bloco ou, caso contrário, omitir a vogal que compõe a palavra, entendendo que se trata de um artigo. Como exemplos, poderíamos citar crianças em fase de aquisição da escrita escreverem *agente* (a gente) ou *amoto* (a moto) e também por adultos, como em *genda* (cf. “eu preciso dum telefone; tenho **duas genda** e não acho nenhuma”, dado obtido de uma senhora de setenta anos, por um de nós).

Além disso, há contextos, cuja separação ou aglutinação é motivo de insegurança, pois os critérios de separação ou aglutinação não são assim tão claros porque, na maior parte dos casos, são resultado ou de introdução das palavras e expressões em épocas distintas da língua, ou de regras arbitrárias de ortografia também de diferentes períodos como em *a partir de*; *a fim de e afim*; *em cima e embaixo*; *de cima e debaixo*; *de repente*; *depressa e devagar*. Não só as preposições,

como também formas verbais podiam ser escritas juntas, em diferentes períodos da língua, conforme a série de abonações que apresentamos na sequência.

Uma das questões levantadas por muitos prescritivistas é a de que *todos os*, *todas as*, seriam redundantes, visto que o indefinido já conteria o artigo, como resultado histórico de *todolos* > *todos*, *todalas* > *todas*, cuja forma antiga pode ser constatada em (06-07). O indefinido *todo* também podia se unir com outras palavras, como em (08), *todo omem* > *todomem* (*tod omem* é resultado da separação feita pelo editor do texto):

- (06) **Todalas** pesas e as medidas da uilla e as de ffora da villa que seiam eno termho deuem nas a dar os Almotaçees tanben As da carne come do pam coyto [...] (*Posturas*, ca. 1316, p.46)
- (07) **Todolos** carniceyros Deuem a dar carnes ao pesso assy Como for posto pello conçelho (*Posturas*, ca. 1316, p.47)
- (08) **Tod omem** ou molher que sseu porco em ssa casa criar A çeuá ou doutra maneira venda o a quartos ou aixercas (*Posturas*, ca. 1316, p. 47)

Em (09-10), temos um par mínimo, isto é, as duas variantes no mesmo contexto, constituindo no primeiro caso um vocábulo fonológico (**polo** vento) e, no segundo, sendo apresentadas graficamente separadas, mantendo o traço da composição: **por o** vento, na mesma página da obra:

- (09) Pela menhã tomamos a vela **polo vento se fazer** leste, polo que remamos e as oito oras sorgimos duas legoas dos ilheos, num bandel que faz huma ponta, não muito abriguado; e **as simc'oras** dipois de meo dia tomamos ho remo e remamos te huma ora da noite, que sorgimos. (*Diário*, fevereiro a abril de 1548, p.28)
- (10) [...] as duas oras dipois do meo dia tornamos a remar **por o vento ser** calma, e remamos ate huma aguada que há nesta costa ((*Diário*, fevereiro a abril de 1548, p.28)

Hoje, muitas vezes os alunos são censurados pelos professores de português quando dizem *vou co meu amigo/coa minha amiga*. No entanto, vejamos como é frequente e antiga a junção da preposição com o artigo e também com o demonstrativo (13), formando uma só unidade, como em (11-13). Ocorre, inclusive, a elisão da vogal da preposição com seguida do artigo indefinido (**c'ũa**) em (14):

- (11) Estes dous catures deve vossa merce jr tão perto deles que quando lhe derem ho rebate não posão correr rysco de se perderem; e, semdo o que eu ymagyno, não se posão jr estes navyos sem nos vossa merce derrabar, que seja tamanho negocyo como secorrer adem pelo muyto credyto que senyso

ganha, asy **cos mouros** como **cos crystãos**; ysto porem deve de ser com os catures yndo menos de dez legoas da sua armada. (Parecer de Vasco da Cunha a D. Alvaro de Castro, s/d, ca. 1548, ANNT, S. Lourenço, IV, 353, *apud* ALBUQUERQUE, 1972:37).

- (12) O bom jogador emenda o lanço mau quanto pode **co saber**, porque não farei o mesmo? Fez-me mau lanço estrangeiro a estes, eu me lhe farei natural **co as boas obras, co a mansidão e c'o<sup>14</sup> saber** e mais se acabamos êste casamento como cuidado. [...] Os filhos, de que tantas vezes ri **co's mesmos pais** de como não sabem falar, salvo nas suas graças, dei de novo volta, e acho que são todo o gôsto da vida e da fazenda [...] (SÁ DE MIRANDA, *Os estrangeiros*, p. 147-148)
- (13) Da disposição, Deus seja louvado, não dei enveja a ninguem; a idade pola ventura parecerá mais do é **co's nojos e co's trabalhos** com que se as cãs adiantam. [...] Oh! Que prazer para êle, e para mim que proveito! E assi **co est'outra mèzinha**, ele fica doudo de prazer e eu vou em paz. (SÁ DE MIRANDA, *Os estrangeiros*, p. 151).
- (14) CAL. — Oh! Bom procurador, e mais sem dinheiro! É um milagre. Aqueles outros carrancudos, não hajais vós medo que ajudem nem **c'ũa só palavra**. Nunca os ajude Deus. (SÁ DE MIRANDA, *Os estrangeiros*, p. 169)

No exemplo (13) vemos que a junção de palavras podia abranger mais de duas: *co est'outra*, em que observamos uma regra antiga antiga da sinalefa: *-a* seguido de *o-* desaparece: *esta outra=estoutra*, da mesma forma que em (15) *-o* seguido de *a-*: *quanto+a=quantâ*:

- (15) CAL. — Não sabes tu aquele dito tam verdadeiro: que o homem ou havia de ser Rei ou doudo? CAS.— Pois **quant'à de doudo**, eu te asseguro. Mas porque corrias assi? (SÁ DE MIRANDA, *Os estrangeiros*, p. 160)

A arbitrariedade da representação gráfica das sequências fonéticas percebidas como unidades pode ser vista nos exemplos (16), em que ocorre a ênclise da preposição *de* ao verbo *haver* (*ande*), caso muito frequente em textos mais antigos, assim como a manutenção da separação etimológica em (17): *de vagar*, hoje escrito junto (o mesmo aconteceu com a expressão *de pressa*).

- (16) Item. O senhor governador manda la duzentos e çimcoenta quintais de noz e vimte quimtais de maça e çem quymtais de crauo ou aquilo que parecer bem ao veador da fazenda Ruy gonçalves de caminha; as quais drogas parece que poderão la valer o que muito bem abaste para<sup>15</sup> se pagarem a çemto e çimcoenta omens de seu soldo que la **ande ficar** com

<sup>14</sup> O uso do apóstrofo pelo editor serve para separar palavras que, no texto, aparecem juntas.

<sup>15</sup> A grafia para é resultado do desdobramento de abreviatura, conforme indicado pelo editor: **p.<sup>a</sup>→ para** [...]. (ALBUQUERQUE, 1972, p. 17)

- v.m. para tempo de hum ano. (*Regimento de Simão Botelho*, 1548; Torre do Tombo, Coleção S. Lourenço, IV, 358, *apud* ALBUQUERQUE 1972:38)
- (17) POMP.— Como dizem: melhor foi tarde que nunca. Então deixe-me ir mais **de vagar**, espreitando sempre a natureza e ajudando-a com bom regimento. (SÁ DE MIRANDA, *Os Vilhalpandos*, p. 192)

Com os advérbios ora, agora, pode ocorrer elisão da vogal final da primeira, (*ora+este=or'este*) como em (18), ou da primeira vogal da palavra seguinte, como em (19-21), em que a primeira vogal é acentuada e a segunda é átona. Bisol (1992: 86-87) só dá exemplos desse último tipo de *degeminação* (DG, como ela nomeia o fenômeno) entre palavras que têm idêntica vogal (ficá **amontoados**; assistí **incabulado**; perdí **ispaço**). Em virtude de alguns autores usarem *inté gora*, podia se pensar que o advérbio agora perdesse a vogal inicial, fenômeno muito comum na língua antiga (da mesma forma que ocorria a aférese, ocorria a prótese *limpar > alimpar*); no entanto, nos mesmos texto (19-20), aparece a forma desenvolvida **agora**:

- (18) CAL. — Quero acometer o velho. Que pode ser mais? GAL.— Cá vem um. E é **or'êste** o bom de Calídio? (SÁ DE MIRANDA, *Os estrangeiros*, p. 170)
- (19) REIN. — A grande dor da sua morte me lançou então de toda a Itália, o desejo da filha me torna **agora** cá. Deixei-a encomendada a um dodutor, grande amigo meu em Pisa, onde então estudava; entretanto que aquela nobre cidade esteve em pé, sempre tinha novas; des que ela caiu, fiquei às cegas, **té'gora que venho** a Palermo, onde me disseram que acabaria o amigo, em cuja busca ando há dias. (SÁ DE MIRANDA, *Os estrangeiros*, p. 172)
- (20) CES. — **Andei té'gora** em braços com aquela serpe de Guiscarda, e tu sais-me **agora** de refresco com tuas razões. (SÁ DE MIRANDA, *Os Vilhalpandos*, p. 212)
- (21) MÁR.— Um filho me levou na sua menenice; e polos acontecimentos em que se perdeu, uns anos tive algũa esperança; mas **já'gora** a filha me convem **d'agasalhar** o melhor que puder e polo filho deixar de suspeitar mais. (SÁ DE MIRANDA, *Os Vilhalpandos*, p. 217)

A preposição *de* é que mais apresenta elisão, como representado nas abonações (21-23), assim como os pronomes objeto átonos (24-27). Na língua antiga, sobretudo a dos trovadores, parece ter havido uma mudança devida ao princípio "evite o hiato". Mas, como se tratava de poesia, o trovador podia fazer a crase ou a elisão, conforme a métrica exigisse, conforme nos informa Lapa (1985: 221), a

respeito da “*Poética, incompleta e deturpada, do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*” e esclarece (Lapa 1985: 225) que:

A parte sexta diz-nos dos erros a evitar na composição poética: o cacófatón (*cacofeton*) e o hiato. A teoria do hiato parece condenar o encontro e por conseguinte a contagem das vogais idênticas, mas reconhece a independência das vogais diferentes e remete para o critério do trovador o fazer ou não fazer com elas o hiato.

Na **prosa**, no entanto, não se tratava de recurso para contrair sons a fim de que, na escansão dos versos, as normas métricas vigentes fossem respeitadas. Sá de Miranda, um dos maiores escritores de sua época, usava as contrações tanto na produção poética em verso quanto nas comédias em prosa. A partir disso, podemos crer que a representação gráfica da contração de vogais entre duas ou mais palavras, nos textos mais antigos, estivesse muito próxima da língua em uso.

- (22) FA. — Encabrestou-vo-lo assi aquela desnarigada **com ãa** filha que tem bonita, que é ãa piedade vê-lo. Anda-lhe sempre **a d’arredor** da casa com a boca aberta como encantado; infim outro Cesarião de todo em todo, e não é só o que soía. (SÁ DE MIRANDA, *Os Vilhalpandos*, p. 213-214)
- (23) CES. — O meu interesse vem todo **d’amor**, eo teu **de desamor**. (SÁ DE MIRANDA, *Os Vilhalpandos*, p. 210)
- (24) AN. Bom esta agora meu amo, nam deve estar a tua sobre o forno : melhor seria dar me uns çapatos antes que **m’estes** leixem aa força. (Eudrosina, p. 85, 5-7)
- (25) AN. Pois agora quando **m’elle** mandou com recado a Cariofilo, fui de caminha laa, que me mandou a seõora sua hirmãa levar lhe fruta. (Eufrosina, p. 85, 19-21)
- (26) ZE. Como **m’o** nam dizias? (Eufrosina, p. 85, 24)
- (27) CA. Nam [h]a tal molher no mundo, digo te mana que es pera conselheira de um imperio. E per estas barbas, e se nam que nunca as eu rape se **t’as** eu nam tire de vergonha : prometo que nam se chame desamparada a poder que eu possa, e que outra pode ir melhor enfeitada, &c. (Eufrosina, p. 57, 16-21).

Cabe ainda registrar um caso não muito frequente, o da elisão da vogal tônica da primeira palavra quando a vogal inicial da segunda também é tônica (28) o que contrariaria o princípio de uma vogal tônica não poderia fazer junção com a tônica da palavra seguinte para formar uma só sílaba (conforme Bisol, 1992: 87, exemplo "(8) a. [a DG] Não se aplica: Está hábil"). Bisol, porém, não discute uma ocorrência em que as duas vogais tônicas sejam diferentes, como **já ella**, de (28), talvez porque, na língua atual, isso não mais seja possível.

(28) Mas se ella he a que eu cuido, fara como vir fazer suas amigas, e bem me parece a mim que **j'ella** a de ter amparo por nam morrer de frio. (*Eufrosina*, p. 75, 27-31)

Com todos esses antecedentes históricos, não é de se estranhar, portanto, que no PB possa ocorrer a aglutinação entre o artigo definido e o possessivo, por força da oralidade e pela frequência de uso. Nos dados do VARSUL – PR, essa construção aparece em SNs anteceditos ou não de preposição (em geral aglutinadas com o artigo) e o núcleo pode, ou não, ser seguido de adjetivo com pronome possessivo e com núcleo ou no singular: *do meus amigo, co meus filho, pelo meus neto, co meus aluno, do meus cachorro*, ou no plural: *no meus filhos, pro teus filhos, todo o meus sobrinhos, da minhas viagens*. Vejamos, a seguir, algumas ocorrências para cada uma das cidades do banco VARSUL do Paraná.

Nos dados da primeira cidade, Irati (que, nas análises preliminares, se revelou a mais conservadora na produção daqueles dois fenômenos linguísticos mencionados acima – menor índice de apagamento do pronome SE, sobretudo o reflexivo (Bandeira 2007) e a cidade que mais apresentou usos de subjuntivo na alternância subjuntivo/indicativo (Fagundes, 2007)), constatamos a ocorrência de uma outra concordância, que também pode ser considerada sob a ótica do conceito de vocábulo fonológico: *moradores de conjunto habitacionais, essas academia militares*. Tradicionalmente os sintagmas sublinhados poderiam ser considerados como verdadeiras palavras compostas, daquele tipo que recebe a marca de plural nos dois constituintes: *conjuntos habitacionais, academias militares*. Porém, (i) esses sintagmas passaram a designar entidades específicas; (ii) constituíram verdadeiros títulos, “rótulos”, (iii) diferenciando-se, assim, dos “conjuntos” e “academias” comuns. Tornaram-se, então, um bloco indissociável.

A aparente discrepância de CN (em relação à regra proposta por Scherre) nesses dois casos de concordância: SN **congelado** –*academia militares*– e determinante+possessivo –*o meus filhos*– pode ser resolvida se considerarmos que o falante analisa a sequência fonológica como um todo, como se fosse um vocábulo composto: assim, *academia-militar* teria como plural *academia-militares*; *pelo-meus neto* teria *pelo-meus neto*; o plural de *pro-teu filho* seria *pro-teus filhos*. Por isso,



essas ocorrências<sup>16</sup>, ao invés de invalidarem a regra, vêm corroborar a regra geral de concordância nominal no PB.

Os exemplos apresentados e discutidos a seguir são retirados de textos de comerciais da televisão. A grande maioria desses anúncios veiculados pelas emissoras de televisão do país tem, como é sabido, o acompanhamento de uma equipe de produção que inclui uma quantidade grande de pessoas, desde o desenvolvimento de uma campanha publicitária até sua execução e recepção pelo público-alvo interessado. Para a produção da peça publicitária são convocados diversos profissionais; dentre os quais roteiristas e revisores, contando ainda com o olhar crítico de quem dirige todo o trabalho e o do cliente, que aprova o resultado final que chega até os nossos televisores.

Portanto, é de se esperar que haja o cuidado com a correção gramatical dos textos e com a escolha de termos e mesmo da marcação ou não do sotaque das personagens envolvidas. Por esta razão, não é de se estranhar algumas das escolhas feitas, pois certamente vêm de encontro às intenções do produtor do comercial e do cliente. Isto é, há vários filtros que são utilizados na composição das peças publicitárias antes da sua veiculação ao público: produção, roteiro, textos, questões de língua portuguesa adequadas ao cliente ou ao público-alvo.

No primeiro exemplo, um comercial de televisão dos anos 60, um *jingle* anunciava as promoções de inverno das Casas Pernambucanas: o nome da empresa é mencionado como “as casas Pernambucanas” e há a presença de marca formal de plural em todos os elementos do SN.

(29) Não adianta bater, eu não deixo você entrar, **as casas pernambucanas** é que vão aquecer... (Casas Pernambucanas, entre 1962 ou 1967). Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=VMhx6NmSGtA#t=18>. Acesso em 12.09.2014.

No segundo exemplo, também um “jingle” da mesma empresa, é feita uma releitura do comercial anterior. A empresa é nomeada agora como “a Pernambucanas”, SN cujo primeiro elemento, “a”, é não-marcado quanto ao número.

---

<sup>16</sup> A discussão dessas ocorrências e das que seguem foi apresentada por Fagundes (2015) em comunicação oral no V SIMELP.

- (30) Não adianta bater, eu não deixo você entrar, É lá **na pernambucanas** que eu vou comprar. (Casas Pernambucanas, 2013). Youtube.  
[www.youtube.com/watch?v=aXo-6A3BloQ](http://www.youtube.com/watch?v=aXo-6A3BloQ). Acesso em 12.09.2014.

À primeira vista, podemos entender que há a omissão da palavra “loja” em uma loja da rede Casas Pernambucanas. Algo semelhante acontece com os exemplos (31-37):

- (31) “EXCLUSIVO! Estamos aqui **na Casas Bahia**, e *a loja tá lotada*. [...] Preço baixo deixa *a loja lotada* mesmo! Corra **pra Casas Bahia!** Comercial da Casas Bahia. Youtube, [www.youtube.com/watch?v=4xMO8HT\\_o2Q](http://www.youtube.com/watch?v=4xMO8HT_o2Q). Acesso em 29.08.2014.
- (32) Cada um tem seu jeito de dizer porque é bom demais comprar **na Colombo**.”. Lojas Colombo Youtube.  
<https://www.youtube.com/watch?v=i1cNMejNIRU>. Acesso em 12.09.2014.
- (33) É por isso que **na Renner** tem novidade sempre. E você, já foi na Renner hoje?”. Lojas Renner Youtube.  
<https://www.youtube.com/watch?v=FqgJZ-W-05A>. Acesso em 12.09.2014.
- (34) “Por isso que **a Danúbio** faz tudo.” Móveis Danúbio (Mais família) Youtube.  
[https://www.youtube.com/watch?v=B2\\_BpvR--H4](https://www.youtube.com/watch?v=B2_BpvR--H4). Acesso em 12.09.2014.
- (35) **Na móveis Pietá**”. (Móveis Pietá) Youtube.  
[www.youtube.com/watch?v=AKM60eacol4](http://www.youtube.com/watch?v=AKM60eacol4). Acesso em 12.09.2014.
- (36) **Na Vila Rica Colchões** o atendimento é de primeira”. (Colchões Vila Rica) Youtube.  
[www.youtube.com/watch?v=Bm5kNCxw6JM](http://www.youtube.com/watch?v=Bm5kNCxw6JM). Acesso em 12.09.2014.
- (37) Acabei de decorar a casa **na Móveis Campo Largo**” ... “Você também devia deixar **a Móveis Campo Largo** entrar na sua casa.” Comercial do Móveis Campo Largo. Youtube,  
[https://www.youtube.com/watch?v=AVOefdv\\_SK4](https://www.youtube.com/watch?v=AVOefdv_SK4). Acesso em 12.09.2014.

Na propaganda dos Móveis Bartira (38), fica claro que se trata de móveis e que são produzidos por uma fábrica pertencente às Casas Bahia. Por isso o texto mantém a marca de plural para todo o SN.

- (38) Vou te apresentar agora quem está há 40 anos na casa dos Brasileiros: **os Móveis Bartira**. São móveis que conquistam cada vez mais brasileiros pela sua praticidade...”  
“Agora que você já conhece a Fábrica de Móveis Bartira, vou te contar uma outra novidade: A Bartira é **da Casas Bahia**. É mais uma garantia que só o móvel Bartira pode ter. Bartira, a fábrica de móvel **da Casas Bahia**. A fábrica de móveis dos Brasileiros.” Youtube.

<https://www.youtube.com/watch?v=gIqjfOqHHyE>. Acesso em 12.09.2014.

No exemplo (39), dos Móveis Aliança, o locutor anuncia que “o Aliança é o verdadeiro shopping”. Podemos inferir do texto que a loja dos Móveis Aliança é comparada a um “verdadeiro” shopping, dada a quantidade de ofertas e tamanho da loja. Talvez ao subentendermos a palavra *shopping* junto à marca Aliança justifique o primeiro elemento do SN estar sendo usado no masculino, isto é, “o *shopping* de Móveis Aliança”:

(39) O Aliança é o verdadeiro shopping dos móveis”. Youtube.  
<https://www.youtube.com/watch?v=zwmsmuME2OI>. Acesso em 12.09.2014.

Entretanto, como explicar o exemplo (40)? Poderíamos aferir que se trata de uma loja no bairro Capão Raso, em Curitiba, pois a loja leva o nome do bairro. Mas, como justificar a alteração do gênero do SN, uma vez que se trata de uma loja e que na propaganda é mencionado que há dois endereços na cidade com esse nome; portanto, há duas lojas e não são no mesmo bairro.

(40) As condições **do** Móveis Capão Raso do Pinheirinho estão realmente de arrasar...” “... gente, é uma loja completa, que com certeza vai te dar um excelente atendimento...” “... Móveis Capão Raso em dois endereços...”. Youtube, <https://www.youtube.com/watch?v=3YIY4OW3coc>. Acesso em 12.09.2014.

Nos exemplos apresentados, nota-se que é possível que o SN seja apresentado no plural com concordância em todos os termos, *as Casas Pernambucanas*, ou somente nos dois primeiros, *os Móveis Campo Largo*. É possível compreender que se trata de uma marca de uma empresa que tem várias lojas.

Nos casos em que não há a marcação do primeiro elemento, pode-se deduzir que está implícita a ideia de loja, filial, franquia, etc. dessa marca; justificando o apagamento da marca de plural. E também é mantida, assim, a concordância com o gênero.

No caso “do Móveis Aliança” somos induzidos a buscar a palavra “shopping” que aparece no comercial para justificar a adoção do masculino junto a “Aliança”, que é um nome feminino. Já em o “Móveis Capão Raso”, não é possível recuperar esse elemento masculino, uma vez que em seguida a apresentadora usa a seguinte

expressão: “gente, é uma loja completa”. De qualquer forma o primeiro elemento não leva a marcação de plural.

Nota-se, portanto, no que se refere ao SN, que há alguns exemplos que em os dois primeiros elementos estão também sendo considerados como um bloco (*na-Pernambucanas, na-Casas Bahia, na-Móveis Pietá, na-Móveis Campo Largo, no-Móveis Capão Raso*). Isso é paralelo ao fenômeno cuja ocorrência é atribuída exclusivamente ao Sul do Brasil. No *cópus* do VARSUL, encontramos uma ocorrência semelhante:

(41) *idéia de i pro Istados+Unidus e- e visita o meus familiares lá, (IRT 15 M A GIN)*

Passemos, agora, à discussão dos dados do VARSUL.

### **3. CN COM O POSSESSIVO NO PARANÁ**

Nas quatro cidades paranaenses pesquisadas, além dos casos em que o possessivo é o segundo elemento do SN e o único elemento do sintagma com marca formal de concordância, encontramos outras ocorrências que merecem destaque, como pode ser conferido abaixo.

#### **3.1. PLURAL SOMENTE NO PRIMEIRO ELEMENTO DO SN**

Como se pode constatar nos exemplos (42-47), apenas o primeiro elemento do SN apresenta a marca formal de concordância e os demais elementos que compõem esse sintagma estão no singular. Esta configuração é a mais encontrada nos estudos de CN de língua falada informal:

(42) *as conta minha (IRT 01 F A PRI)*<sup>17</sup>

(43) *muitos amigo meu (IRT 01 F A PRI)*

(44) *uns colega meu (IRT 13 M A PRI)*

(45) *uns amigo nosso (LDN 13 M A PRI)*

---

<sup>17</sup> As codificações utilizadas neste texto equivalem à marcação dos informantes adotada pelo projeto VARSUL. Leia-se: CTB, Curitiba; IRT, Irati; PBR, Pato Branco; LDN, Londrina. Números de 1 a 24 equivalem às entrevistas, seguidos das células sociais dos informantes M, masculino; F, feminino; A, 25 a 49 anos; B, 50 anos ou mais; PRI, primário (1 a 4 anos de escola); GIN, ginásio (5 a 8 anos de escola); SEG, segundo grau (9 a 11 anos de escola).

- (46) As minha unha (IRT 12 F B SEG)  
 (47) As minha menina (IRT 10 F B GIN)

Encontramos ainda ocorrências diferenciadas, como em 3.2.

### 3.2. PLURAL SOMENTE NO SEGUNDO ELEMENTO DO SN

Veja-se que nos exemplos (48-65) temos ocorrências nas quais, aparentemente, apenas o segundo elemento do SN apresenta a marca formal de plural. Aqui se encaixam parte dos casos discutidos no presente texto, em que há a presença de um pronome possessivo com núcleo no singular; aparece inclusive um par mínimo, em (65) *dos meus sobrinhos*, seguido de *o meus sobrinho*. A quantidade de abonações é para demonstrar que a ocorrência desse vocábulo fonológico é acentuada:

- (48) esse meus+ irmão (IRT 16 M A GIN )  
 (49) **pelo meus** filho (IRT 22 M B GIN)  
 (50) **do meus** amigo <m>- era o- (IRT 01 F A PRI)  
 (51) eu vejo **pelo meus neto**. “Ah eu quero isto. (IRT 10 F B GIN)  
 (52) daí ela disse+ assim: “Então você vai- ficará **co meus+ aluno** pra (IRT 12 F B SEG)  
 (53) vô tratá **do meus cachorro** dai vô trabalhá (IRT 15 M A GIN)  
 (54) me busca co+a komb+ em casa **no primeros dia**, pa podê (IRT 16 M A GIN)  
 (55) Não, **esse meus+irmão**, quer dizer... (IRT 18 M A SEG)  
 (56) tem os amigos **do meus irmão** também tudo... (IRT 18 M A SEG)  
 (57) Eu vejo **pelo meus filho** que são formado,... (IRT 22 M B GIN)  
 (58) Não tanto **co+ meus filho** mas co dos otros, sabe? (IRT 22 M B GIN)  
 (59) **o meus** parente (PBR 05 F A SEG)  
 (60) **a minhas** criança (LDN 07 F B PRI )  
 (61) **do meus** animal (LDN 14 M A PRI)  
 (62) **a nossas** viatura (LDN 15 M A GIN)  
 (63) **a minhas** criança pequena (LDN 07 F B PRI).  
 (64) **pelo meus** filho (CTB 08 F A PRI).  
 (65) eu tenho um álbum é, digamos, dos meus sobrinhos (est), né? de todo **o meus sobrinho**, da minhas viagens, da minha- (IRT 15 M A GIN)

No entanto, conforme já destacamos, entendemos que a aparente discrepância de CN nesses exemplos pode ser resolvida se considerarmos que o falante analisa a sequência fonológica como **um bloco**, da mesma forma como analisa um vocábulo

composto<sup>18</sup>: assim, **o-meu** teria como plural **o-meus**, tal qual ocorre nos exemplos em 3.3, abaixo.

### 3.3. PRIMEIRO ELEMENTO DO SN NO SINGULAR, OS DEMAIS NO PLURAL

As ocorrências em 3.3 ilustram a segunda parte dos casos de concordância aqui discutidos: a presença de um pronome possessivo no sintagma com núcleo no plural.

Conforme destacamos, em 3.2 o núcleo do SN aparece no singular e em 3.3 no plural. Portanto, pelo viés da análise que estamos empreendendo aqui, a do vocábulo fonológico, temos tanto **o-meus parente** (59), com núcleo no singular, quanto **o-meus familiares** (41), com núcleo no plural.

Os exemplos abaixo ilustram os casos em que aparecem dois elementos no plural, depois do artigo:

- (66) **a minhas obrigações** (PBR 23 M B SEG)
- (67) **da minhas árvores frutíferas** (CTB 02 M B SEG)
- (68) **o meus+ avós paternos** eram poloneses, né? (IRT 04 F A GIN)
- (69) eu penso **no meus filhos** né? (IRT 04 F A GIN)
- (70) é deixao **pro teus filhos** enfim (IRT 05 F A SEG)
- (71) Comigo- e **o meus filhos** às vezes comentam: (IRT 10 F B GIN)
- (72) eu tenho um álbum é, digamos, dos meus sobrinhos 1(est), né? de todo o meus sobrinho, **da minhas viagens**, da minha- (IRT 15 M A GIN)

### 3.4. SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO DO SN NO SINGULAR, OS DEMAIS NO PLURAL

Encontramos também ocorrências, em que apenas o último elemento do SN não apresenta marca formal de plural:

- (73) com **os meus próprios** olho (PBR 05 F A SEG)
- (74) **as minhas** prima (CTB 02 M B SEG)
- (75) **os meus** filho (CTB 18 F A SEG)

---

<sup>18</sup> Outra questão a ser levantada: na língua escrita temos “um tipo” de formação de palavra: teríamos outro na língua oral? Ainda, todo mundo que tratou do tema, considerou a composição do SN a partir de regras orais ou da língua escrita? Isso importa? Por quê? Até que ponto desviou nossa atenção na busca de encontrar as soluções?

### 3.5. PLURAL NO PRIMEIRO E NO ÚLTIMO ELEMENTO DO SN

Finalmente, as ocorrências que apareceram em menor número em nossos dados, com distribuição diferenciada dos demais casos, de ocorrência mais ou menos generalizada:

(76) **os** meu menino gêmeos (PBR 07 F B PRI).

(77) Assim é o exército e essas- essas academia militares lá (IRT 23 M B SEG).

O exemplo (76) nos faz colocar a hipótese que o vocábulo fonológico com o possessivo também seja variável, pois temos tanto **o-meus** quanto **os-meu** formando um bloco.

### 4. OS DADOS DO VALPB

Depois da análise dos dados do VARSUL, localizamos exemplos de idênticas ocorrências nos dados de um corpúsculo coletado em uma capital nordestina, em que se costuma dizer que não ocorre uso de artigo diante de possessivo. No entanto, Menon (2014) mostrou que há uso dos artigos diante de possessivos em quantidade razoável, a ponto de se pensar que a implementação do artigo diante de possessivo em João Pessoa possa ser pensada como uma mudança em curso (o que só poderá ser demonstrado com a rodada de pesos relativos, uma vez que em Menon (2016) só foi possível apresentar os percentuais: 54% de uso de artigo diante de possessivo (sobre 2203 dados), contra 63% de uso em Curitiba (sobre 1396 dados).

Eis alguns exemplos do corpúsculo de João Pessoa (VALPB – Variação linguística no estado da Paraíba), amostra constituída de 60 entrevistas (uma faixa etária a mais que o VARSUL, a de jovens; duas faixas a mais de escolaridade: analfabetos e universitários) publicada por Hora & Santos (2001) em cinco volumes:

(78) 246 São ótimos! Cada um nas suas casas, né? Tudo de maior (risos). Num tem criança a eles pra aborrecer. Eu gosto **do meus** vizinho. (VALPB23, mbp)

(79) 249 Ele também tem:: ele tem o mesmo poder, agora só que ele não conhece seu coração e sua mente::, que Deus não deu essa:: esse poder a ele::, né? Mais o inimigo sabe tudo:: **da nossas** vida. Só não sabe o nosso coração e o nosso pensamento. (VALPB 23, mbp)

- (80) 252 É coisa, assim, **do meu** tempo, sabe? Os desenho **de meus** tempo. Aí eu gosto. Quando eu vou assistir, vou pegar um filme, eu nunca pego um filme bem atualizado, só pego aqueles filme bem:: que foi do meu tempo, da minha época. Dos ano 50 (risos). (VALPB23, mbp)
- (81) 135 Brincar na hora do recreio, principalmente brincaø de baliado, pular corda, brincaø com **a minhas** amiga. (VALPB13, fap)
- (82) 136 Eu com a menina num conseguia correr porque tava com a menina **no meus** braço. E seguida vem um rapayz, foi com que conseguiu tirar o ganso pegou que tinha pegado na na minha saia. (VALPB13, fap)
- (83) 157 E sentava lá na minha mesinha muito assim, bela e faceira, né? Ficava ali, tomando assim um refrigerante, uma dose assim de um de um uísque, né? E **a minhas** criançãø, minha mãe, tudo ali tudo juntinho naquela coisa sadia, né? Porque em clube é sadio apesar, de: tem suas violência também, mays num é como esse carnaval de rua que o pessoal fayz o que quer. (VALPB14, fap)
- (84) 255 A minha mãe também aceitou Jesusis::, morreu salvo o meu pai:: e a rente num tem:: num tem rancor não, a gente num guarda mágoa dela não. Qualquer hora, se for possível, que ela precisar::, a gente [po] serve a ela, em qualquer ponto da vida dela. E meu pai foi uma pessoa que morreu **no meus** braço. Dentro da minha casa. (VALPB23, fbp)
- (85) 256 Eu, olhe::, eu ajudo em casa o marido, [ma] ajudo **o meus** filho, compro aquilo que eu quero, sabe? Compro móveø, compro:: objeto pra [ter] fazer minha casa. Do meu dinheiro eu compro comprei um terreno. O meu dinheiro é útil dentro de casa. Tanto dele como o da pensão. Eu gasto dentøo de casa meøm com meus familiares, com meus filho. (VALPB23, fbp)
- (86) 184 Aí, também num me disse nada, ela parou **no meus** braços, eu pensava que a menina num voltava mais, e terminoø voltanøo. (VALPB16, fag)
- (87) 167 \*Ô! uma veys ele me pegou lá, vei de lá até cá **no meus** cabelos, ah, foi. (VALPB, fag)
- (88) 297 Meu pai era muito enérgico, mais era muito dono de casa, sabe? Muito dono de casa, muito querido **do meus** tio, do meu avô. (VALPB26, fbg)
- (89) 303 A tiróide é uma doença é que tira a a mimória da gente, ela ela era, o nosso organismo fica muito debilitado, por sinal, fiquei pesando na época quarenta quilos. Foi. Então eu num tinha mais condições de estudar. Então foi por isso que atrapalhou **o meus** estudos, foi a tiróide. (VALPB27, fbc)
- (90) 309 O meu Natal é, a minha casa com **o meus** familiares, num é? Ou então, na minha igreja, porque na igreja o Natal é antes, não é, porque o dia do Natal reunimo na nossa casa, né? (VALPB 27, fbc).

Da amostra considerada em Menon (2016), só com três níveis de escolaridade (**p**rimário, **g**inásio, **c**olegial), vemos que tanto homens (**m**) como mulheres (**f**), das duas faixas etárias (adultos jovens (**a**) e mais velhos (**b**)) demonstraram usar esse tipo de vocábulo fonológico em João Pessoa.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais, seria bom mencionar que o mesmo fenômeno que se observa para os vocábulos fonológicos em que há a presença do possessivo poderia, paralelamente, estar se espraiando para os outros contextos (como, por exemplo, em *esse meus* ermão, em que aparece um demonstrativo). Em outras palavras, não estaria o falante interpretando os **determinantes** presentes no SN como parte integrante dele, aglutinando assim os elementos e perdendo a noção de que se trata de vocábulos distintos que compõem um **único** bloco? Assim, o contexto em que o possessivo está presente poderia ser um dos desencadeadores do fenômeno de apagamento da CN em um dos elementos à esquerda do núcleo do SN. Isto é, o fenômeno que pareceria estranho aos olhos de boa parte dos pesquisadores que trataram da questão da CN no PB, tanto no Paraná quanto na Paraíba poderia, sim, ser o ponto inicial da irradiação do fenômeno, da mesma forma que a omissão de **loja** no sintagma nominal Casas Bahia ou Móveis Campo Largo seria o ponto inicial da reanálise constatada em **na Fanam**, cujo nome comercial era Móveis Fanam (no masculino), loja única em São José dos Pinhais... Mas esta é outra história.

Por conseguinte, na análise por nós empreendida, a regra de CN proposta por Scherre — mesmo no caso dos possessivos —, tanto na região sul como nos dados de João Pessoa, é reforçada: quanto mais à esquerda do núcleo, maiores as marcas de concordância, mesmo que em bloco.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Luís de. (ed.). *Diário da viagem de D. Alvaro de Castro ao Hadramaute, em 1548*. (Torre do Tombo, Coleção S. Lourenço, IV, 143-54v.). 1972.
- AMARAL, Amadeu. *O dialecto caipira*. Gramática. Vocabulário. São Paulo: Casa Editora “O Livro”. 1920.
- AMARAL, Amadeu. Folclore e Dialectologia. Discurso proferido na Academia Brasileira em 23.04.1925. In: DUARTE, Paulo. *Tradições populares*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/ Secr. Cult. Ciência e Tecnologia de SP. 1976.
- BANDEIRA, Grace dos Anjos Freire. *O apagamento de se nas funções sujeito e objeto: um estudo variacionista com dados do VARSUL do Paraná*. Tese de doutorado. Curitiba, UFPR. 2007.

- BASÍLIO, Margarida. O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara. *Delta*. 20: Especial, p.71-84. 2004.
- BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 23: 83-101. 1992.
- BISOL, Leda. Mattoso Jr. e a palavra prosódica. *Delta*, 20: Especial, p.71-84, 2004.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Henry Holt. 1933.
- BRAGA, Maria Luiza & SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: *Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro: PUC. p. 464-77. 1976.
- BRAGA, Maria Luiza. *concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1977.
- DENÓFRIO, Darcy F. & SILVA, Vera Maria T. (orgs.). *Antologia do conto goiano, I: dos anos dez aos sessenta*. 2. ed. Goiânia: Cegraf/UFG. 1993.
- DIAS, Maria Clara Alves Corrêa. *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. 174 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade de Brasília. 1993.
- FAGUNDES, Edson Domingos. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. 220 f. (Doutorado em Letras-Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Paraná. 2007.
- FAGUNDES, Edson Domingos. Concordância nominal de número com nomes próprios compostos. In: *V SIMELP. Caderno de Resumos: simpósio 22 (2015)*. Disponível em : <http://simelp.it/node/78>. Acesso em 26 de agosto de 2016.
- FERNANDES, Marisa. *Concordância nominal na Região Sul*. 120 f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. 1995.
- GOMES, Tânia Vieira. *Os nomes compostos em português*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2005.
- GUY, Gregory Riordan. *Linguistic variation in Brazilian portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia, University of Pennsylvania, Ph.D. dissertation. 1981.
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene L. R. (orgs.). *Projeto variação linguística no estado da Paraíba (VALPB)*, volumes 1 a 5. João Pessoa: Idéia. 2001.

- LAPA, M. Rodrigues. *Lições de literatura portuguesa*. Época medieval. 10. ed. rev. pelo autor. Coimbra: Coimbra Editora. 1981.
- LAPESA, Rafael. Del demostrativo al artículo. Separata da *Nueva Revista de Filología Hispánica*, XV, 1-2: 23-44. 1961.
- LEMLE, Mirian & NARO, Antony Julius. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977. 151p.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi; MENON, Odete Pereira da Silva; FAGUNDES, Edson Domingos. Análise da Concordância Nominal em Irati e Pato Branco, PR. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. II, p. 1099-1109. 2011.
- MATTOSO CAMARA Jr., Joaquim. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1967.
- MATTOSO CAMARA Jr., Joaquim. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão. 1979 [1975, mas elaborado entre 1963 e 1965]).
- MATTOSO CAMARA Jr., Joaquim. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MENON, Odete Pereira da Silva. *Presença/ausência de artigo diante de nomes próprios no português do Brasil (PB)*. Comunicação apresentada no 4.º Encontro Rede Sul Letras (11-13.05.16). A sair em *Anais ...* 2016.
- MENON, Odete Pereira da Silva; FAGUNDES, Edson Domingos; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. O que fazer com grupos de fatores não selecionados? O caso da concordância nominal no Paraná. *Gragoatá* (UFF), v. 29, p. 147-160. 2010.
- MENON, Odete Pereira da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; FAGUNDES, Edson Domingos. O que é que se faz com os resultados do Varbrul?. *Letrônica*, Porto Alegre, vol. 6, p. 319-337. 2013.
- MORENO, Claudio. *Morfologia nominal no português: um estudo de fonologia lexical*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1997.
- NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, Baltimore, 57: 63-98. 1981.
- NINA, Terezinha de Jesus de Carvalho. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1980.

- PADILHA, Viriato. *Os roceiros*. Rio de Janeiro: Livraria do Povo. 1899.
- PIRES, Cornélio. *Mixordia. Contos e Anecdotas*. 1. ed. São Paulo: Nacional. 1927.
- PIRES, Cornélio. *Quem conta um conto...* 2.ed. Itu (SP): Ottoni. 2002[1916].
- PONTE, Vanessa Maria Lôbo. *A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1979.
- Posturas do Concelho de Lisboa. (Século XIV)*. Apres. de Francisco José Velozo. Leit. paleogr., nótula e vocab. por José Pedro Machado. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa. 1974.
- QUADROS, Emanuel Souza de; SCHWINDT, Luiz Carlos. Um estudo sobre a relação entre palavra morfológica e palavra fonológica em vocábulos complexos do português brasileiro. In: *Anais do CELSUL*. 2008.
- SÁ DE MIRANDA, Francisco de. *Obras completas. Volume II*. Texto fix., notas e pref. de M. Rodrigues Lapa. Lisboa: Sá da Costa. 1937.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1976.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. 554 f. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1988.
- SOUSA DA SILVEIRA. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro: Fundação GETúlio Vargas. 1971.
- VASCONCELLOS, Jorge Ferreira de. *Comédia Eufrosina*. Conf. a edição de 1561, publ. Por ordem da Academia das Ciências de Lisboa, por Aubrey F. G. Bell. Lisboa: Imprensa Nacional. 1918 [1561]. (*Eufrosina*)
- VERÍSSIMO, José. A linguagem popular amazônica. *Revista Amazônica*, I, 2, Belém: 48-57. 1883.